



RENDEIRA

Maria Caroline da Silva

Sempre me impressionou a destreza das mãos da minha avó, a maneira concentrada como ela entrelaçava os bilros para tecer a renda. Os dedos já calejados pelos anos de trabalho como rendeira não haviam perdido a agilidade, e ela, aos 82 anos, continuava a produzir peças intrincadamente belas. Estávamos em nosso lugar favorito, a varanda da velha casa onde cresci. Ali, expostas ao vento agradável do litoral cearense, enquanto ela tecia, eu pensava. Pensava no motivo que havia me retirado daquela vila de pescadores e artesãos, pensava em minha viagem de retorno. Já fazia mais de seis anos que eu tinha partido daquele lugar para cursar faculdade na capital, e agora, como aluna de mestrado, o sonho de ser cientista parecia se materializar com a mesma concretude do pano feito de renda que minha avó tecia diante de mim. Mas a fragilidade — da carreira como cientista no Brasil, não a dos fios de renda — era algo que me preocupava no momento.

Se eu fechasse os olhos, conseguia lembrar com clareza do dia em que me despedi da minha família naquela mesma varanda. A mala carregava a determinação de uma jovem empolgada com as possibilidades de um novo mundo: o da universidade. Eu seria a primeira da família a ingressar no ensino superior, e o fato de tornar-se aluna de uma instituição federal de renome era motivo

extra de orgulho. Por ter estudado durante toda a vida em escolas públicas, entrar em uma boa universidade poderia ser um feito difícil. Porém, quando a aprovação para o bacharelado em Biologia aconteceu, não senti que havia cumprido um trabalho hercúleo, pareceu apenas o próximo passo inevitável de uma jornada que há tempos reivindiquei como minha. Diante dessa certeza, trocar a tranquila vila pelo cenário agitado do bairro universitário da capital foi um desafio encarado com mais empolgação do que medo.

Mas essa partida tinha acontecido há alguns anos, e, desde então, apesar de nunca ter me desviado da minha escolha, a energia para honrá-la já não era a mesma. Eu pendurava com nostalgia na parede da memória os primeiros anos da época de faculdade, ao longo dos quais me integrei cada vez mais à vida acadêmica e me apaixonei pelo fazer científico. A universidade se tornou minha segunda casa e a ciência meu novo lar. No início, o objetivo era sair da instituição de ensino “formada” e usar o diploma como quem utiliza uma chave para abrir uma porta. A porta em questão deveria ser um emprego, uma carteira de trabalho assinada, alguma garantia que cumprisse a promessa silenciosa que eu carregava no olhar no dia em que deixei a minha casa: “vou estudar para ter uma boa vida, irei conseguir um bom trabalho que me permita ajudar vocês”. Afinal, para alguns, a educação é a única possibilidade de ascensão social e econômica.

Em meio a esses pensamentos sobre estudar e ascender, o barulho do tilintar dos bilros manipulados pela minha avó me trouxe de volta à varanda. Enquanto admirava a valsa dos instrumentos em suas mãos, ouvi o som dos passos da minha mãe saindo da casa. Aproximando-se de nós, ela me perguntou:

— Você vai passar o final de semana todo com a gente, certo?

Respondi que sim, avisando que talvez até ficasse mais dias do que o planejado.

— Tenho mais algum tempo antes que o departamento da universidade resolva a papelada relacionada à mudança. — O laboratório onde eu pesquisava mudaria de prédio, e isso me dava mais alguns dias antes de voltar à capital.

— Que bom — ela respondeu. — Vai dar tempo de visitar sua tia então, ela sempre pergunta por você, pergunta se você já virou “dotôra”.

Eu sorri e respondi:

— Não *mãinha*, ainda não. Nem sei se vou.

— Depois de tanto estudar... quanto tempo ainda falta?

— Algum tempo mãe, alguns anos.

Na cabeça da minha mãe, o fato de eu usar jaleco nos laboratórios era motivo suficiente para ser chamada de “doutora”. Doutor era sinônimo de alguém “sabido”, alguém “estudado”, de preferência um médico ou advogado, profissões que de certa forma já haviam ganhado o doutoramento automático concedido pela banca popular das titulações acadêmicas. Eu não havia escolhido salvar vidas humanas ou navegar pelas leis, eu tinha escolhido ser bióloga. E agora, no mestrado, pesquisando sobre a genética de plantas, ainda me faltava um ano até a defesa da dissertação e mais quatro anos até a conquista do título de doutora. Quando eu explicava que ainda não era doutora, que passaria mais alguns anos na universidade para garantir isso, minha família não com-

preendia muito bem o motivo da insistência em uma peleja que, até agora, não havia me proporcionado a condição social que eles acreditavam estar reservada a “doutores”.

Eu não os culpava pelo desgosto, afinal somos todos socializados para medir o sucesso usando a métrica determinada pelo *status quo*. Não era para isso que a educação servia? Garantir maiores chances de sobrevivência através da reprodução material da vida proporcionada pelo dinheiro? A curiosidade substituída pelo utilitarismo, a fome de saber substituída pela fome de bens materiais. Viver de uma pequena bolsa de pesquisa não era compatível com essa visão de mundo. No fundo eu sabia que algumas pessoas da minha família, assim como a sociedade em geral, colocavam cientistas na mesma categoria pejorativa de vagabundagem que reservavam aos artistas. Uma triste classificação de valor, que despreza com a mesma força a ciência e a arte.

Mas, em parte, eu até entendia essa desvalorização. A minha família não sabia muito bem para que servia uma cientista, e não era inteiramente culpa deles. Afinal, ao longo dos anos passados do lado de dentro dos muros da universidade, percebi o quanto esses muros podiam ser altos; que podíamos nos recolher dentro deles, às vezes esquecendo de construir pontes de diálogo com as pessoas, permanecendo reclusos em nossos laboratórios, enquanto a sociedade do lado de fora se perguntava: “para que serve um pesquisador?” O resultado dessa desconexão talvez tivesse alguma relação com a notícia que eu recebera na semana anterior, de que a minha bolsa de pesquisa poderia ser cortada no próximo ano. Notícia que era o principal motivo da minha angústia no momento. Considerando a onda de cortes que os programas de

pós-graduação estavam sofrendo, o cancelamento da minha única fonte de renda parecia cada vez mais certo.

Foi dessa forma que aquela caloura empolgada com o ingresso na universidade tinha se transformado em uma jovem pesquisadora angustiada. Eu estava questionando toda a validade das minhas escolhas até então, imaginando que optar por seguir na carreira da ciência poderia significar a minha ruína. Estava me sentindo uma fracassada, pensando que talvez fosse melhor nem sequer voltar, deixar o mestrado de lado, abandonar todo e qualquer plano para o doutorado. Com as perspectivas para o futuro da pesquisa no país, escolher a continuidade da minha formação soava como uma missão masoquista fadada ao infortúnio.

Enquanto os meus pensamentos percorriam rotas pessimistas, a voz de minha avó me ancorou de volta à realidade:

— Tá com a cabeça onde menina? — perguntou ela.

Olhei em sua direção, e reparei que as minhas preocupações me distraíram o suficiente, pois nem sequer percebi que éramos só eu e minha avó ali na varanda mais uma vez, a minha mãe havia voltado para dentro de casa. Respondi:

— Tô pensando aqui, vó. Talvez eu devesse ter sido artesã como a senhora. Não sei... quem sabe rendeira também. Deveria ter aprendido a produzir alguma coisa palpável, fabricar arte que é fonte de beleza. Algo que desse para vender.

— Mas não é isso que você já disse que fazia? — retrucou ela.

— Como assim? — perguntei, confusa.

— Esses tais fios de DNA, que você enrola e desenrola nas plantas que vive cutucando. Que nem eu e os meus fios de renda.

A resposta dela me pegou de surpresa. Ela se referia a uma ocasião em que tentei lhe explicar o tema da minha dissertação e usei a renda como analogia, comparando os fios têxteis que ela manipulava com as moléculas de DNA que serviam de tecido para a genética vegetal que eu estudava. Eu havia explicado que, assim como ela, que usava as habilidosas mãos para tecer a renda, eu e meus colegas tentávamos manipular fios orgânicos à nossa maneira. O laboratório era a minha varanda e, de certa forma, eu era como a minha avó, tentando criar algo através de uma técnica metódica, porém criativa.

— Então, não era isso que você faz? — perguntou novamente minha avó, afinal eu não a havia respondido.

— É sim, vó. É para isso que estou estudando, para ser rendeira, que nem a senhora. O material dos meus fios que é um pouco diferente.

Aquilo quase me fez ter uma epifania, me fez pensar que, ao ser cientista, de certa maneira eu estaria honrando o aprendizado que obtive com a minha avó e com todas as mulheres guerreiras do lugar onde nasci. Assim como elas, eu poderia tecer algo bonito. Os meus fios não seriam de pano, seriam constituídos de dados científicos, que, se combinados, poderiam formar os mais diversos tecidos de conhecimento. Eu e os meus colegas estávamos na universidade para aprender os melhores métodos de costura da nossa pesquisa, os nossos materiais eram como os bilros das rendeiras, e as nossas bancadas de laboratório como os seus assentos de renda. A comparação inocente entre a arte da minha

avó e a ciência que eu havia escolhido reacendeu uma esperança em mim. Decidi ali que iria voltar para a capital e continuar minhas pesquisas. Eu precisava voltar, afinal queria me tornar uma rendeira tão boa quanto a minha avó.